



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II À XIV ASSEMBLEIA GERAL DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

*Amados irmãos e irmãs*¹. “Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo!” (1 Cor 1, 3). Encontrais-vos reunidos nesta XIV Assembleia Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) como os Apóstolos no Cenáculo, em comunhão entre vós, com os vossos Bispos e o vosso povo; e, ao mesmo tempo, com o Papa e com toda a Igreja. E “a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo” (1 Jo 1, 3). Anima-vos aquilo que é o sentido ínsito à vida consagrada: crescer no conhecimento e no amor, para serdes testemunhas e profetas de Cristo no mundo de hoje, em fidelidade dinâmica à vocação religiosa e ao carisma dos vossos Fundadores. Tendes diante dos olhos, como um livro aberto, a grande população do Brasil, com toda a sua realidade histórica, social e religiosa; e a vossa mente se abre também para todos os povos do mundo, que vos interpelam e representam um desafio à criatividade e à capacidade evangelizadora de toda a Igreja, mas particularmente dos Religiosos e das Religiosas, suscitados por Deus para serem pioneiros nos caminhos da missão e nas sendas do Espírito. É para mim grata a oportunidade de vos dirigir esta mensagem, para que a nossa alegria seja completa (cf. 1 Jo 1, 4). Queria exprimir, em primeiro lugar, a minha estima para com todos os Religiosos e Religiosas do Brasil e o meu apreço pelo testemunho admirável de oração e de empenho apostólico que continuam a dar, sem olhar a sacrifícios, guiados pelo amor e animados pela esperança. Os números falam por si: mais de 38.220 Religiosas, 7.716 Religiosos sacerdotes, 2.547 escolásticos que se preparam para o Sacerdócio, 2.331 irmãos leigos, 2.783 noviços e noviças, estão ao serviço do reino de Deus na Igreja que está no Brasil (Departamento Estatístico do CERIS, 1984). é também significativo o fato de quase a metade dos Bispos, exatamente 168, serem Religiosos, e de um grande número de consagrados brasileiros estarem ao serviço da Igreja universal, em países de missão. E também a vida contemplativa se apresenta florescente, com 107 mosteiros femininos e 19 mosteiros masculinos. Faço minhas as palavras do meu Predecessor Paulo VI: “Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito” (*Evangelii Nuntiandi*, 69). Confortado pelo testemunho dado pelos Bispos brasileiros acerca da vida religiosa, no decorrer das recentes visitas “ad limina Apostolorum”, acrescento: a Igreja agradece-vos e conta convosco.² Querendo participar nos vossos trabalhos, não só com a oração, mas também com esta Mensagem que confio ao Senhor Cardeal Dom Jean Jérôme Hamer, Prefeito da Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, desejo chamar a vossa atenção para alguns pontos fundamentais a respeito da formação, na linha do Concílio Vaticano II e do recente Sínodo Extraordinário dos

Bispos. Vós sabeis que a vitalidade das Famílias religiosas, a qualidade e a criatividade do serviço apostólico e a eficácia da ação profética dependem, em grande parte, da formação inicial e permanente dos que são chamados a tão nobre missão. Sei que é para vós preocupação constante esta formação. Com efeito, para assegurar às novas gerações, aos formadores e às formadoras e a todos os Religiosos e Religiosas uma preparação adequada, criastes e lançastes mão de numerosas formas de cooperação; e acompanhais, com olhar vigilante, as várias iniciativas surgidas para o seu crescimento e sua organização específica, haurindo inspiração da Palavra de Deus, atentos aos ensinamentos do Magistério da Igreja e tendo presente a realidade concreta.³ Considerando a formação em todos os seus aspectos, parece ser muito oportuno o tema que vós propusestes examinar. A dimensão profética da vida religiosa nasce, efetivamente, da sua inserção em Cristo, o Profeta por excelência; a sua autoridade não é delegada, como no Antigo Testamento, porque Ele é o Filho Unigênito. Ele anuncia a salvação e ao mesmo tempo a realiza; transmite ao povo a Palavra do Pai; Ele mesmo é a Palavra encarnada que não veio para condenar, mas para irradiar universalmente o amor que regenera; leva o homem a pôr-se bem frente a Deus, para que possa descobrir a Sua presença, retornar a Ele, acolhê-lo como Pai, partilhar com Ele o seu desígnio, e, como filho, tornar-se em Cristo construtor de um mundo novo. Os Religiosos, de fato, em virtude do seu Batismo, participam por Cristo e pelo dom do Espírito na missão profética de toda a Igreja, que se exprime, fundamentalmente, na escuta e no anúncio da Palavra e no testemunho de vida; ou seja, no Evangelho meditado, proclamado e vivido. Além disso, dado que a vida religiosa continua a representar na Igreja a mesma condição de vida que o Filho de Deus abraçou, quando veio ao mundo para fazer a vontade do Pai, (Cfr. *Lumen Gentium*, 44) ela proporciona a todo o Povo de Deus um testemunho que bem podemos denominar profético. Em primeiro lugar, pela expressão multiforme de vida evangélica com a qual as pessoas consagradas tornam viva e presente a riqueza do mistério de Cristo, seguindo os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, e as peculiares opções, sempre a partir do Evangelho, contidas nos carismas dos Fundadores. Deste modo, a radicalidade da sequela de Cristo e da dedicação total ao serviço da Igreja faz de cada comunidade religiosa e de cada um dos seus membros um sinal de vida evangélica e um testemunho vivo e interpelante que atrai o Povo de Deus para o caminho da santidade e da doação pessoal ao serviço dos irmãos. A mensagem que a vida religiosa proclama não é sua, mas é-lhe confiada por Cristo e pela Igreja. E, mais ainda, a consagração religiosa, vivida como aliança sponsal e comunhão de amor com Deus, está na origem de uma genialidade apostólica que suscita só por si a admiração. (Cfr. *Evangelii Nuntiandi*, 69) O seu testemunho, para muitos jovens e adultos, torna-se mediação segura para a descoberta da própria vocação e convite jubiloso para seguir a Cristo com o coração indiviso. Abrem-se novas e maravilhosas perspectivas, para a formação das novas gerações e para o próprio Povo de Deus se renovar, quando se aprofunda a vocação religiosa em todas as suas dimensões, à luz da vida da Igreja e do ensino do Concílio Vaticano II. Exorto-vos, meus amados Irmãos e Irmãs, a fazer este aprofundamento, com renovado empenho e com simplicidade de coração, para apresentar aos jovens e a todos os chamados os valores profundos que lhes expliquem o significado da sua vida e da sua particular presença no Povo de Deus. Os jovens têm direito e esta visão ampla e aprofundada. Eles não nos pertencem a nós; mas a Cristo e ao Pai como cada um de nós. Com eles e todos em conjunto, ligados pelos vínculos do amor, (Cfr. *Jo* 13; *Lumen Gentium*, 9; *Gaudium et Spes*, 38) constituímos a família de Deus, chamada a ser fermento e alma da humanidade (Cfr. *Gaudium et Spes*, 40).⁴ O fato de estarmos cômnicos dos apelos da ora atual e da história, bem como das nossas responsabilidades, impõe-nos assegurar aos jovens, Religiosos e Religiosas, uma formação adequada, o mais completa possível, em fidelidade dinâmica a Cristo e à Igreja, ao carisma do Fundador e aos homens do nosso tempo. No encontro de Porto Alegre com os vocacionados e seus formadores, durante a minha visita pastoral ao Brasil, a 5 de Julho de 1980, fiz uma pergunta aos responsáveis da formação que desejo apresentar mais uma vez, no contexto dos vossos trabalhos: “Na hora atual, decisiva para o próprio destino e para o do mundo, terá o Brasil

Seminários, Casas religiosas de formação ou outras instituições eclesiais, terá sobretudo os reitores e mestres capazes de prepararem Sacerdotes e Religiosos à altura dos problemas postos por uma população em contínuo aumento e com exigências pastorais cada vez mais vastas e complexas?”. Aludia na mesma altura a alguns problemas que me pareciam prioritários, no intuito de dar estímulo a uma ulterior reflexão e busca. Trata-se de problemas que já tiveram alguma resposta no decorrer destes últimos anos; mas permanecem sempre atuais e precisam de ser objeto de contínua consideração para bem da Igreja e da vida religiosa e sacerdotal. Seja-me permitido agora propor à vossa atenção mais alguns pontos, respeitante à formação das novas gerações, que me estão particularmente a peito, não perdendo nunca de vista a Igreja universal e tendo bem presentes as vossas responsabilidades, quanto ao presente e quanto ao futuro. Não obstante as grandes necessidades apostólicas e as situações prementes, em que as Famílias religiosas exercem suas atividades, continua a ser prioritário um cuidado esmerado na escolha e na preparação dos formadores e das formadoras. Trata-se de um dos ministérios e serviços à Igreja dos mais difíceis e delicados, que precisa de todo o vosso apoio e confiança. Os formadores e as formadoras encontrarão sempre nos documentos do Magistério da Igreja o caminho seguro da doutrina e da vida, com a qual se devem identificar, para oferecer aos jovens formandos, Religiosos e Religiosas, os conteúdos de pensamento e de estilo concreto de vida consagrada. É um direito que deve ser respeitado; é uma expectativa que não pode ser desiludida, a fim de a vida religiosa, inserida plenamente na Igreja, ser sempre alimentada com a própria verdade que a Igreja propõe para os seus filhos, para que não sejam discípulos senão do único Mestre que é Cristo. Os jovens e as jovens têm necessidade sobretudo de mestres que sejam para eles: pessoas totalmente de Deus, conhecedoras respeitadas do coração humano e dos caminhos do Espírito, capazes de responder às suas exigências de sempre crescente interioridade, de experiência de Deus e de fraternidade e de iniciação à missão. Formadores que saibam educar para o discernimento, a docilidade e obediência, a leitura dos sinais dos tempos e das necessidades do povo, e para responder a esses sinais, com solicitude e audácia, mas em plena comunhão eclesial. A Conferência dos Religiosos do Brasil está chamada a desempenhar um papel importante neste campo, quer transmitindo com fidelidade as orientações da Igreja, quer estimulando a colaboração intercongregacional e providenciando, com iniciativas apropriadas, à preparação dos formadores. Atuando em sintonia com o Episcopado, em todos os níveis (nacional regional e diocesano), vós, Superiores e Superiores maiores, podereis aproveitar o trabalho dos colaboradores melhores de cada Instituto; e, correlativamente, prestar serviços, que não só ajudem a superar eventuais limitações, mas criem um estilo válido de formação para a vida religiosa. Estas iniciativas intercongregacionais ajudarão, ao mesmo tempo, a valorizar os carismas específicos, desenvolvendo a comunhão e a consciência da complementaridade na fraternidade e abrindo os horizontes da caridade para a Igreja universal e para toda a Igreja local em ordem a uma ação evangelizadora e pastoral mais unitária e eficaz, sob a orientação dos Bispos.⁵ Tudo isto requer, evidentemente, além de uma presença ativa e discreta dos formadores e de vossa parte, como Superiores, um acurado e tempestivo discernimento vocacional. As necessidades e urgências apostólicas nunca justificarão um discernimento apressado e uma inadequada preparação para o noviciado. Para o próprio amadurecimento, a pessoa tem necessidade de percorrer um itinerário de fé e de empenho no serviço, gradual e personalizado. A iniciação à vida religiosa malogrará se vier a faltar uma verdadeira conversão e uma autêntica opção por Cristo, na liberdade e na experiência do seu amor, porque “o chamado para o caminho dos conselhos evangélicos nasce do encontro interior com o amor de Cristo que é amor redentor” *Redemptionis Donum*, 3). Toda a formação religiosa se desenrola em torno do eixo da sequela de Cristo, pela participação intensa nos seus mistérios atualizados na liturgia e vividos na Igreja, pela crescente doação de si mesma aos irmãos, segundo a sensibilidade própria da vocação específica, na assimilação e participação progressiva do carisma do Fundador. A sequela de Cristo leva a compartilhar, cada vez mais consciente e concretamente, o mistério da sua paixão, morte e ressurreição. O

Mistério pascal deve ser como que o coração dos programas de formação, enquanto é fonte de vida e de maturidade. É sobre este alicerce que se forma o homem novo, o religioso e o apóstolo. A formação requer períodos de tempo adequados e um programa orgânico, completo, exigente, estimulante, aberto e claramente inspirado na norma das normas da vida religiosa, qual é o seguimento de Cristo, e no carisma do Fundador. Exige para todos, mas em particular para os Religiosos chamados ao Sacerdócio, uma sólida formação teológica, bíblica e litúrgica, como se encontra indicado nas normas da Igreja universal e local e de cada Instituto. São necessários, por fim, os locais de formação susceptíveis de assegurar, efetivamente, a consecução dos objetivos próprios de cada fase da formação. Será bom, portanto, que os jovens, durante o período de formação, residam em comunidades formativas, onde não há de faltar nenhuma das condições requeridas para uma formação completa: espiritual, intelectual, cultural, litúrgica, comunitária e pastoral; condições estas, que, raramente, se podem encontrar todas nas pequenas comunidades. É sempre indispensável no entanto, ir beber na experiência pedagógica da Igreja tudo aquilo que nos permite avaliar do acerto com que se procesa e enriquece a formação em uma comunidade adequada às pessoas e à sua vocação religiosa e, em alguns casos, sacerdotal. Quer esta formação se realize totalmente no interior dos vossos Institutos, quer seja confiada parcialmente a iniciativas intercongregacionais, a vossa função de Superiores e Superiores maiores é sempre muito importante no processo de formação dos vossos candidatos, cuja responsabilidade, diante de Deus e da Igreja, pesa sempre sobre vós.

6. A Igreja que está no Brasil requer uma pastoral de muito empenhamento; é, sem dúvida, uma Igreja viva e dinâmica; mas os trabalhadores são poucos. É fácil, portanto, correr-se o risco de cair no ativismo, que poderia levar a um esvaziamento espiritual e a um cansaço precoce. Daí resulta a urgência de uma formação constante, para revitalizar as forças espirituais daqueles que se dedicam ao serviço da evangelização, em qualquer campo e situação. É tarefa que se impõe a todos os Institutos religiosos, portanto, programar e realizar um plano adequado de formação permanente, para os seus membros. Um programa que não vise somente a formação da inteligência, mas de toda a pessoa, principalmente na sua dimensão espiritual, para que todos os Religiosos e Religiosas possam viver em plenitude a própria consagração a Deus, na missão específica que lhes foi confiada pela Igreja.

7. Meus amados irmãos, Superiores e Superiores maiores: quis partilhar convosco, alguns pensamentos que animam a nossa oração e reflexão na caminhada da Igreja e da vida religiosa na história, no limiar do ano 2000. O mundo em que vivemos, hoje mais do que nunca, tem necessidade de ver em vós homens e mulheres que acreditaram na Palavra do Senhor e apostaram no amor. No intuito de que vossa vida, florescendo e frutificando no amor indiviso pelo Senhor, seja cada vez mais vivificante para toda a Igreja e para o mundo, procurei encorajar-vos a “trazer para o hoje da vida e da missão de cada Instituto aquele arrojo com que os Fundadores se deixaram conquistar pelas intenções originárias do “Espírito”” (Congr. para os Religiosos e os Institutos Seculares, *Religiosi e Promozione Umana*, 25 apr. 1978, n. 30), acentuando sobretudo a urgência de uma sábia formação das novas levas de almas enamoradas de Jesus Cristo. Que Maria, modelo de todos os consagrados, seja vosso sustentáculo na caminhada, reavive em vós a plena comunhão e a alegria de pertencerdes a Cristo e fortifique o vosso zelo apostólico! Com minha afetuosa e ampla Bênção Apostólica. *Vaticano, 11 de Julho de 1986.*

PAPA JOÃO PAULO II © Copyright 1986 - Libreria Editrice Vaticana